

suscetibilidade, o voriconazol é uma opção terapêutica promissora para o tratamento.

**Palavras-chave:** *Scedosporium apiospermum*, Imunossuppressores, Artrite reumatoide Bursite fúngica, Hialohifomicose

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103323>

## INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE

### ANÁLISE DOS CUSTOS POR INTERNAÇÃO DE PACIENTES COM SEPSE NO BRASIL DE 2011 A 2020

Layane Oliveira da Silva\*, Isabela Silva Slongo, Gabriel Oliveira Schindler Coutinho, Priscila Hipólito Silva Reis

Centro Univertário UniFTC, Itabuna, BA, Brasil

**Introdução/objetivo:** A sepse é uma condição médica grave e potencialmente fatal, caracterizada por uma resposta desregulada do organismo a uma infecção. Compreender os custos envolvidos na internação desses pacientes é fundamental para melhorar a gestão dos recursos e o planejamento de políticas de saúde eficientes. O objetivo deste estudo é analisar os custos relacionados à internação de pacientes com sepse no Brasil durante o período de 2011 a 2020.

**Métodos:** Trata-se de um estudo observacional e retrospectivo descritivo acerca da análise de custos das internações por sepse no Brasil entre 2011 e 2020. Foram utilizados dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/DATASUS), com as variáveis: região, caráter de atendimento e valor total. Dispensa-se apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa por terem sido utilizados dados públicos e gratuitos, sem identificação dos participantes.

**Resultados:** Entre 2011 a 2020 foram registrados um total de 1.092.354 de internações por septicemia no Brasil, sendo a maioria na região Sudeste, com 563.982 casos (51,1%), seguido do Nordeste, com 216.007 (20,4%), Sul com 206.306 (17,4%), Norte com 57.606 (6,9%) e, Centro-oeste, com 48.453 (4,0%). Nesse período, foram gastos R\$ 3.917.479.007,05 na internação dos pacientes com a doença, sendo o ano de 2019 o ano com mais custos (26,8%; n=522.385.811,92) e 2011 o ano com menos custos (23%; n=240.333.374,13). Havia uma tendência de crescimento de 2011 até 2019, quando foi observada uma queda em 2020 (465.220.605,73). No que tange às macro-regiões, há uma predominância de custos no Sudeste (47,8%, n=2.142.322.870), seguido pelo Nordeste (19,8%, n=726.211.330,23), Sul (17,5%, n=685.709.031,45), Norte (4%, n=183.354.018,28) e, Centro-Oeste (10,6%, n=179.881.757,03).

**Conclusão:** A análise revelou uma tendência de crescimento nos gastos com sepse ao longo dos anos, com uma queda em 2020 possivelmente relacionada à pandemia de COVID-19. A região Sudeste apresentou os maiores custos, seguida pelo Nordeste e Sul. Esses resultados destacam a necessidade de estratégias eficazes de prevenção e gestão da sepse, visando à redução dos custos e à melhoria dos resultados clínicos. A implementação de protocolos de tratamento e ações de conscientização podem desempenhar um papel crucial na mitigação do impacto financeiro da sepse e no aprimoramento do sistema de saúde como um todo.

**Palavras-chave:** Sepse, Hospitalização, Análise de custos

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103324>

### ADESÃO A PRÁTICA DE HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS PELOS PROFISSIONAIS DE UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Victor Nei Vasconcelos Monteiro\*,  
Virginia Menezes Coutinho,  
Fernanda Lopes de Albuquerque Rodrigues,  
Danylo César Correia Palmeira,  
Kledaldo Oliveira de Lima,  
Andréza Cavalcanti Correia Gomes,  
Claudia Fernanda Azevedo Braga Albuquerque,  
Guilherme Antonio Lima de Oliveira,  
Josilene Cabral Coutinho Suassuna,  
Polyanna de Souza Barros Oliveira,  
Paulo Cezar Vidal Carneiro de Albuquerque,  
Maria do Carmo Juliano,  
Rafaela Queiroz Ferreira Barros

Hospital das Clínicas, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

**Introdução/Objetivo:** As Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) seguem sendo um problema de saúde pública, associado a desfechos negativos aos pacientes acometidos. O aumento no tempo de internação, na mortalidade e o impacto financeiro são consequências relacionadas às IRAS. A higienização das mãos, considerada a primeira barreira contra essas infecções, precisa ter uma maior atenção dos profissionais de saúde, pois as dificuldades encontradas para a implementação desta prática são inúmeras, como resistência por parte dos profissionais, falta de dispensadores de álcool, número adequado de lavatórios, entre outros. Este trabalho objetiva identificar a adesão a prática de higienização das mãos pelos profissionais de saúde que trabalham em unidades de terapia intensiva de um hospital universitário em Pernambuco no ano de 2021.

**Metodologia:** Estudo transversal, retrospectivo e quantitativo. Os dados foram originados das fichas de monitoramento de higienização das mãos da Comissão de Controle de Infecção Relacionadas à Assistência à Saúde (CCIRAS) da instituição, referentes aos meses de janeiro à dezembro de 2021. Os momentos de higienização das mãos analisados foram: antes do contato com um paciente; antes da realização de procedimentos assépticos; após o contato com um paciente; após o risco de exposição a fluidos corporais; e após o contato com áreas próximas ao paciente.

**Resultados:** Foi possível observar 1.092 oportunidades de higienização das mãos durante o ano de 2021. A taxa de adesão ao protocolo foi de 74%, tendo uma variação entre 60% e 86% entre as taxas mensais. Com relação aos 5 momentos, o “após o contato com o paciente” foi o que obteve o maior percentual de adesão, sendo de 82%. O menor foi o momento “Antes do contato com o paciente” com 55%. Isso pode demonstrar a preocupação do profissional em si proteger, realizando a higienização das mãos. Em contrapartida, o paciente, foco da assistência à saúde, possivelmente foi mais exposto

ao risco, tendo em vista um percentual muito menor de adesão. Esses resultados são semelhantes aos estudos nacionais e internacionais, tendo importante foco de atenção da Organização Mundial de Saúde, principalmente após a pandemia da COVID-19.

**Conclusão:** Faz-se necessário a intensificação de treinamentos e campanhas sobre a importância da prática de higienização entre profissionais, pacientes e familiares, com o objetivo de assegurar ainda mais a assistência e promover a qualidade do serviço prestado.

**Palavras-chave:** Higiene das mãos, Unidade de terapia intensiva, IRAS, Boas práticas, Adesão

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103325>

#### ADESÃO À HIGIENE DAS MÃOS ENTRE DIFERENTES CATEGORIAS PROFISSIONAIS NUMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA CIRÚRGICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA BAHIA

Carla Tatiane Oliveira Silva\*,  
Gilmara de Souza Sampaio, Tiago Pereira de Souza,  
Flavia Tosta Mello, Yasmine Costa Laranjeiras Borges,  
Cléa Garcia Cerdeira de Ataíde

Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES),  
Salvador, BA, Brasil

**Introdução:** As infecções relacionadas à assistência à saúde são eventos adversos com importante morbimortalidade em ambiente hospitalar. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a higiene das mãos como a medida mais eficaz, simples e menos dispendiosa para prevenção desses eventos indesejados. Assim, é importante monitorar a adesão dos profissionais de saúde à higiene das mãos e assim identificar e gerenciar potencialidades ou eventuais problemas que comprometam a segurança do paciente.

**Objetivos:** Conhecer o percentual de adesão à higienização das mãos entre as diferentes categorias profissionais de uma Unidade de Terapia Intensiva cirúrgica de um Hospital Universitário.

**Métodos:** Estudo realizado numa unidade de terapia intensiva com perfil cirúrgico de um Hospital Universitário em Salvador, Bahia. Os dados foram coletados in loco pela equipe do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar da instituição, de abril a dezembro de 2022, com a técnica de observação direta, durante 30 minutos/dia, nos períodos matutino e vespertino. Essa observação foi guiada por um *checklist* contendo: data, horário, categoria profissional observada, qual o momento da higiene das mãos preconizado pela OMS, e qual a ação adotada pelo profissional (higienizar as mãos ou não). Os dados foram tabulados em planilha Excel versão 10 e calculou-se o indicador de adesão à higiene das mãos tendo como numerador o número de vezes em que as mãos foram higienizadas, e como denominador o total de observações (oportunidades) em que a higienização estava indicada.

**Resultados:** Foram observadas 510 oportunidades de higienização das mãos, com adesão global de 52,4% (267/510). Os enfermeiros apresentaram a maior adesão 62,8% (98/156), seguido dos fisioterapeutas 54,7% (35/64), residentes 57,1%

(20/35) e técnicos de enfermagem 46,3% (81/175). A menor adesão registrada foi entre os médicos 38,2% (26/68). Outras categorias profissionais menos observadas (nutricionistas, técnicos do laboratório, assistentes sociais, psicólogos) tiveram adesão de 58,8% (07/12).

**Conclusões:** Houve baixa adesão à higiene das mãos, visto que os profissionais só executaram essa ação em pouco mais da metade das oportunidades que tiveram. Conhecer o percentual de adesão em cada categoria distinta permite a elaboração de estratégias específicas e personalizadas voltadas a impulsionar a higiene das mãos e prevenção das infecções relacionadas à assistência à saúde por diferentes profissionais.

**Palavras-chave:** Higiene das mãos, SCIH, IRAS

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103326>

#### ADESÃO À HIGIENE DAS MÃOS NOS CINCO MOMENTOS EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA DE UM HOSPITAL REFERÊNCIA EM DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Aline Aparecida Carneiro de Souza\*, Sayonara Scota,  
Beatriz Vilela de Andrade, Yu Ching Lian,  
Aline Santos Ibanes, Regia Damous Fontenele Feijo,  
Raquel Keiko de Luca Ito, Caroline Thomaz Panico,  
Nilton José Fernandes Cavalcante

Instituto de Infectologia Emílio Ribas, São Paulo, SP, Brasil

**Introdução:** As Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) representam grande problema para a segurança do paciente. A Higiene das Mãos (HM) destaca-se como uma medida simples, de baixo custo e eficaz para prevenção das IRAS.

**Objetivo:** Descrever a adesão dos profissionais da saúde à HM de acordo com os cinco momentos estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e o insumo (água e sabão e álcool gel) mais utilizado.

**Método:** Estudo descritivo, retrospectivo e de abordagem quantitativa, do período de maio de 2021 a maio de 2023, em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um hospital público terciário de ensino referência em infectologia do estado de São Paulo. O estudo baseou-se na auditoria por observação direta dos cinco momentos estabelecidos pela OMS para realização da higienização das mãos, de modo a minimizar variações entre os observadores, na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) em um hospital referência em doenças infectocontagiosas do Estado de São Paulo.

**Resultados:** Identificou-se que das 1238 observações, 545 (44,0%) dos profissionais realizaram a HM no momento oportuno. Momentos com maior adesão foram após contato com o paciente (203/315; 64,4%) e após risco de contato com fluidos e secreção (46/91; 50,5%). Os momentos com menor adesão foram antes de procedimentos assépticos (15/95; 15,8%), após contato com áreas próximas ao paciente (136/391; 34,8%) e antes do contato com o paciente (145/346; 41,9%). Das 545 oportunidades de higiene das mãos adequadas, houve utilização de álcool gel em 34,7%.